



GT 065. Trajetórias de acadêmicos indígenas, negros e quilombolas: impactos presentes e perspectivas de futuro

Ugo Maia Andrade (Universidade Federal de Sergipe) - Coordenador/a, Osmundo Santos de Araújo Pinho (Universidade Federal do Recôncavo da Bahia) - Coordenador/a, Florêncio Almeida Vaz Filho (UFOPA) - Debatedor/a, Maria Rosário Gonçalves de Carvalho (Programa Pós-Graduação Estudos Étnicos e Africanos; Programa Pós-Graduação em Ciências Sociais) - Debatedor/a

O acesso à universidade suscitou novas perspectivas para segmentos socialmente minoritários, a exemplo de indígenas e quilombolas, e mesmo negros (pretos e pardos) urbanos, cujos indivíduos ascenderam ao ensino superior como realização pessoal e/ou estratégia coletiva. Todavia, se ainda persistem inúmeros obstáculos à sua permanência na academia, percursos acadêmicos de indígenas, negros e quilombolas têm sido construídos na contramão das adversidades. Pretende-se reunir, neste GT, comunicantes atentas aos efeitos dessas trajetórias sobre coletivos indígenas, negros e quilombolas, buscando-se responder a quatro questões básicas: [1] até que ponto o acesso à universidade pública tem auxiliado na consolidação/formação de uma autonomia e protagonismo indígena, negro e quilombola em um cenário de deterioração gradual de direitos? [2] Em que sentido a produção acadêmica e política desses atores sociais tem feito diferença em relação ao que, antes, já se produzia? [3] Quais os novos olhares e perspectivas trazidos por estes novos intelectuais indígenas/quilombolas/negros? [4] Que repercussões têm sido produzidas, nos coletivos de origem, pela ascensão de indígenas e quilombolas/negros ao ensino superior em níveis de graduação e pós-graduação?

¿A UNIVERSIDADE AINDA É MUITO EXCLUDENTE?: desafios da política afirmativa para a permanência de indígenas e quilombolas no ensino superior da UFPA

Autoria: Maria do Socorro Rayol Amoras, Solange Maria Gayoso da Costa

Este work tem como objetivo discutir a formação acadêmica de indígenas e quilombolas na Universidade Federal do Pará-UFPA. Para isso, buscou analisar, a partir do ponto de vista desses discentes, os desafios da política afirmativa para as suas permanências no ensino superior. As informações sistematizadas foram obtidas nos debates realizados durante o VI Colóquio em Serviço Social, promovido pela Faculdade de Serviço Social da UFPA e nas oficinas do Projeto de Extensão Ações interventivas para a permanência com qualidade e equidade de estudantes indígenas e quilombolas do Instituto de Ciências Sociais Aplicadas da UFPA. Foi observado que o conjunto desses alunos tem exposto com muita veemência os obstáculos que comprometem a permanência na educação superior e a conclusão com êxito. Entre esses, destacam as situações de racismo institucional por parte de professores, técnicos e demais alunos; também, dão destaque à discriminação que sofrem em sala de aula devido a baixa qualidade da educação básica que receberam. Segundo eles, todas essas questões se agravam porque o entendimento da garantia da diversidade cultural, nos projetos político curriculares dos cursos, tem sido um processo lento e de muitos entraves. O racismo, os preconceitos, a discriminação e a xenofobia, dirigidas aos povos indígenas e quilombolas no ensino superior, evidenciam o quanto a Universidade ainda é excludente. Na UFPA, no ano de 2017, a política de cotas obteve um salto de 40% para 78% do número de vagas destinadas, contudo, a permanência desses estudantes coloca muitos questionamentos, pois a evasão é recorrente em todos os cursos. Logo, o acesso à universidade não está garantindo a permanência com qualidade e equidade. Na avaliação desses alunos, a Universidade tem



mostrado pouca compreensão da importância do reconhecimento da diversidade de sujeitos na formulação de uma proposta educacional intercultural, que possa contribuir com processos mais democráticos de inclusão. Ante as denúncias desses discentes e o alto índice de evasão, é possível inferir que a política de cotas precisa construir uma política de permanência mais efetiva para além dos auxílios, que envolva todos os segmentos da comunidade acadêmica. Nesse sentido, a discussão pretendida neste work, visa contribuir com a efetivação de propostas politicamente posicionadas e engajadas, frente as demandas desses estudantes para o alcance de uma Universidade intercultural e pluriétnica, isto é, inclusiva, comprometida com a superação do racismo e de todas as formas de discriminação. Esses alunos, portanto, sinalizam a perspectiva de um ensino inclusivo que respeita e considera a diversidade de sujeitos, bem como a multiplicidade de saberes que indígenas e quilombolas mobilizam em seus múltiplos contextos.



Boas Vindas

A Associação Brasileira de Antropologia e a Universidade de Brasília dão as boas-vindas aos participantes da 31ª Reunião Brasileira de Antropologia! O encontro será realizado entre 9 e 12 de dezembro deste ano e traz como temática geral “Direitos Humanos e Antropologia em Ação”.

O início da nossa RBA se fará em contexto que precederá não só o novo governo eleito, como a nova Legislatura. Sua realização em Brasília permitirá dar maior visibilidade aos debates e reflexões antropológicas sobre os Direitos Humanos no Brasil.

Teremos atravessado o ano eleitoral que terá adicionado maior tensão ao atual contexto político. Hoje, estamos diante da crise econômica, do aumento das forças conservadoras e do decréscimo substantivo dos recursos financeiros necessários ao desenvolvimento da ciência e tecnologia, em especial das ciências humanas.

A temática desta Reunião visa refletir sobre a atual situação e o futuro dos Direitos Fundamentais inscritos na Constituição de 1988. Estão em risco os direitos ao reconhecimento e à territorialidade de indígenas, quilombolas e povos tradicionais, e aos direitos ambientais.

Da mesma forma, o Congresso Nacional alcunhou o conceito de gênero, de “ideologia de gênero” e retirou do Plano Nacional de Educação 2014/2020 as referências a procedimentos e medidas educacionais que visavam combater a discriminação de gênero. Deixou-se assim a descoberto no Plano educacional, ganhos importantes das movimentações sociais feministas, das movimentações pelos direitos à diversidade sexual, e das movimentações sociais pelo combate ao racismo que, de forma múltipla e/ou compartilhada, estimulavam e consolidaram estudos da interseccionalidade de gênero, sexualidade, raça e classe.

Depois de vários anos, pela terceira vez, (a primeira em 1984, a segunda em 2000), a Reunião será realizada na Universidade de Brasília. De 2000 para cá expandiram-se os programas de pós-graduação, departamentos e unidades que incorporam antropólogos/as em seu corpo docente e que incorporam conhecimentos antropológicos no seu ensino. Em especial, expandiu-se a incorporação de estudantes indígenas e de estudantes negros/as, pardos/as e de estudantes advindos das escolas públicas, nos cursos de graduação e nos de pós-graduação.

Contaremos com o apoio, não somente das áreas onde se congregam tradicionalmente os antropólogos/as, mas também dessas múltiplas áreas de ensino que na UnB se expandiram pela nucleação de estudos que incorporam a Antropologia nas áreas de saúde coletiva, artes visuais, educação e nos estudos que se dedicam aos povos tradicionais e questões ambientais.

Contaremos com o apoio relevante do Departamento de Antropologia e do seu Programa de Pós-graduação em Antropologia Social (PPGAS) criado o Mestrado em 1972, e, em 1981, o doutorado. O PPGAS se orgulha em manter os níveis mais altos da avaliação da CAPES através da prontidão contínua de seus/suas docentes e discentes.

Teremos o apoio do Instituto de Ciências Sociais (ICS), e de seus/suas docentes e discentes. Congrega os Departamentos de Antropologia (DAN), Sociologia (SOL) e Estudos Latino- Americanos (ELA). O ICS é responsável pelo curso de Ciências Sociais e suas habilitações em Antropologia (Bacharelado), Sociologia (Bacharelado) e



Ciências Sociais (Licenciatura) e pelos Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Programa de Pós-Graduação em Estudos Comparados sobre as Américas.

Teremos também o apoio do Centro de Desenvolvimento Sustentável (CDS), que oferece o curso de Mestrado em Sustentabilidade junto aos Povos e Terras Tradicionais (MESPT); o apoio da área de Saúde Coletiva da Faculdade de Ceilândia (FCE); da Faculdade de Saúde Coletiva (FS); da Faculdade de Educação (FE); do Instituto de Artes (IDA) e o forte apoio da Reitoria e da Administração Superior da UnB.

Brasília é um dos espaços que mais abriga antropólogos e antropólogas que desenvolvem atividades profissionais em órgãos do Estado, em órgãos da Justiça e do Ministério Público e em organizações não governamentais. Esse cenário permitirá sua forte contribuição aos debates e a maior visibilidade da área.

E, por fim, Brasília cada vez mais se apresenta como uma cidade com importância turística, ambiental, qualidade de vida e relevância dos movimentos sociais.

Um grande abraço de Boas Vindas,

Lia Zanotta Machado - Presidenta da ABA
Diretoria da ABA 2017/2018
Comissão Organizadora da 31ª RBA

Realização:



Apoio:



Organização:

